

# A MÚSICA E A FALA

---

Ernesto Rosa

Resumo: O texto trata das origens da música além do ritmo, do teatro e da dança. Tal surgimento seria a partir da fala, das entonações socialmente convencionadas. Esse trabalho coloca a música como necessária ao desenvolvimento da acuidade e da comunicação.

Palavras-chave: Arte, Música, Teatro, Antropologia, Psicopedagogia, Fonoaudiologia.

A fala são entonações moduladas em sílabas acompanhadas de trejeitos. Das entonações surgiu a música; das palavras, a literatura e dos trejeitos, o teatro e a dança.

Entonações diferentes dão diferentes significados à mesma seqüência de palavras. Por exemplo, com entonação de súplica, pronuncie as palavras diga-me com quem andas. Em seguida, com as mesmas palavras, mude a entonação para ordem e depois uma entonação reticente indicando que a frase deve continuar. Pode trocar essas entonações simples por outras compostas como ordem com impaciência, ironia, sarcasmo etc., que podem ainda ser acrescidas de sentimentos como angustia, tristeza, ansiedade, amargura etc. Somente as palavras não são suficientes; são necessárias as entonações. A pessoa que fala bem é aquela que consegue usar esses recursos com eficiência e sem exagero. Mas é preciso um receptor que saiba escutar, que saiba perceber as pequenas variações tonais, inclusive aquelas que o emissor não teve a intenção de passar ou até pretendeu esconder, como ansiedade, medo, amargura etc.

Muitos povos usam a elevação da última sílaba tônica para fazer interrogações. Essa entonação de pergunta não é inata, é convencional, socialmente construída. As entonações, os trejeitos e as palavras foram historicamente instituídos no processo de construção da fala de cada povo e, com a

globalização, tendem a se universalizar.

A mesma entonação, por exemplo, de exclamação, serve em diversas frases exclamativas. Isto é possível porque a entonação de exclamação foi abstraída das frases possuindo existência própria. Desse modo, possuímos um acervo de entonações que colamos nas frases, de acordo com o que desejamos transmitir. Este espaço das entonações fica no hemisfério direito do cérebro, onde também é a região da música.

As crianças pequenas constroem rapidamente várias entonações. Observamos, em crianças de cerca de dois anos, exclamações feitas apenas com entonações sobre vogais, sem as palavras, sem o significado das palavras, do modo como deve ter começado a fala na Pré-História. Mesmo um adulto pode, por exemplo, usar corretamente uma exclamação como "Caramba!" sem saber o que significa a palavra "caramba". Em casos como esse, basta a entonação, o conteúdo está na entonação.

À medida que as entonações se instituíram historicamente, passaram a formar um conjunto próprio de conhecimentos abstratos. Muito depois, em um segundo momento, os homens começaram a construir relações abstratas entre essas figuras sonoras, formando a música, já na Grécia Clássica. A música é

conhecimento de conhecimento. É uma fala sem palavras por isso, ela sugere emoções, sensações, ambientes, enfim, cria "climas".

Qualquer barulho não é música! A música não foi extraída da natureza a partir do gorjeio dos pássaros, do murmurar da brisa, do marulhar das águas, como quer o empirista. Nem é inata. É historicamente construída e desenvolvida como parte da fala e em interação com as necessidades sociais de comunicação e o desenvolvimento dos aparelhos fonador e auditivo. Por isso, a música é necessária, tanto no desenvolvimento das relações sociais como na maturação da criança. Faz parte do desenvolvimento da humanidade e da criança, ou seja, necessária à filogênese e à ontogênese. Por isso, a música é prazerosa! Por isso, a música foi construída! Fazer música é exercer cidadania.

A condição natural do homem é a de construir seu próprio conhecimento, em interação com seu ambiente e a partir de conhecimentos anteriormente constituídos. Adotando esse princípio, a sugestão que faço é a de que um curso de música deve partir das entonações já construídas pela criança, trabalhando no sentido da abstração. O processo histórico deve fornecer algumas indicações sobre a trajetória a seguir. Talvez do cantochão para a melodia e da melodia para a harmonia e o contraponto, passando por formas do Barroco e do Romantismo. O contraponto poderia começar com pequenos cânones, como o Frère Jacques, no qual cada criança canta uma frase escutando três outras.

A par disto, enriquecer o uso das entonações. Um ambiente rico de entonações é um fator de desenvolvimento da fala. Devem ser muito úteis exercícios do tipo *contar um caso* sem falar palavras, apenas *la-ra-lá* com todas as entonações do caso. Ou o contrário, ler depressa uma frase, sílaba por sílaba sem nenhuma entonação. Outro tipo seria ler um parágrafo: uma vez, chorando; outra vez, rindo; discursando; rezando; declamando; admoestando; lamentando; exultando; cantando; exortando etc. Cada uma dessas posturas deverá levar a gêneros musicais diferentes: andantes, gregorianos,

marchas, adágios, alegros etc. Assim deve ter ocorrido na filogênese.

As entonações mais simples são em nível de sílabas: as ligaduras e pausas para formar e separar palavras, fortes e fracas para marcar tonicidade. Em seguida, no nível de frases: exclamações, interrogações etc. Um parágrafo pode ser irônico, imperativo, interrogativo etc. O texto pode ser loa, lamento, canto etc.

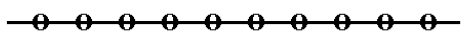
Os hinos, os cantos folclóricos, as canções populares, os cantos de trabalho são letras cantadas importantes para a passagem ao espaço sonoro abstrato.

Música e ritmo possuem diferentes gêneses. A gênese do ritmo deve envolver o trabalho em interação com a construção da noção de tempo. O início deverá ser o andar e o correr, anteriores ao homem, transformados em marcha e trote. Em continuação, surgem as atividades humanas combinadas como duas pessoas batendo um pilão (ou lascando pedras, remando, furando, acendendo fogo e mais tarde nas galeras com remo, nas movimentações militares etc.). Atividades como estas são mais eficientes se executadas com compasso e sincronismo que acabam sendo incorporados em muitas ações, principalmente nos tempos modernos de produção em série. Incorporado pela fala, é a cadência e depois o verso e a métrica. Interativamente à cadência surge o ritmo na música que, às vezes, é explicitado por batidas. O ritmo não é intrínseco à música. Música é melodia, contraponto e harmonia. O ritmo permeia toda a atividade humana.

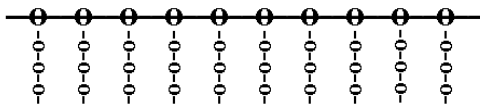
Em uma frase, inclusive escrita, há uma seqüência de vocábulos e cada vocábulo possui várias denotações e conotações, e podemos pensar em outros sentidos sugeridos por esses outros significados. Assim, ficamos com o significado explícito da frase e outros sugeridos nas entrelinhas, com entonações complexas que podem valorizar um ou outro sentido. Sem falar em entonações como ironia que inverte o significado da frase. A fala se torna mais complexa e sugestiva na medida do desenvolvimento das entonações.

O desenvolvimento das entonações necessita do desenvolvimento da música. A

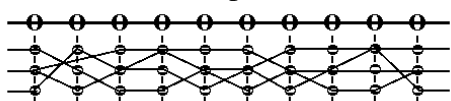
música mais ingênua é a melodia: uma seqüência de notas, uma após a outra.



Mas cada nota possui harmônicos, e podemos construir música não somente como uma seqüência de notas simples, mas como uma seqüência de acordes.



E o compositor cria outras músicas com notas harmônicas, formando, assim, várias músicas "empilhadas".



A composição musical é o trabalho metódico de arrumar notas em rede, com sentido tanto na vertical como na horizontal, mantendo certo caráter de espontaneidade e levando algo de novo ao ouvinte, na direção do aumento do acervo de entonações e desenvolvimento de acuidade. Cada maestro pode valorizar um ou outro sentido melódico da frase musical.

As denotações e conotações das palavras são historicamente construídas, ao contrário dos sons harmônicos, que são propriedades físicas das notas: comprimentos de ondas múltiplos uns dos outros. No entanto, a eufonia dos harmônicos também é convencional.

Vemos, então, uma grande analogia entre a fala com entrelinhas e a música com

contraponto, reforçando a idéia da música como abstração reflexiva a partir da fala.

Tanto na filogênese como na ontogênese, a construção do espaço sonoro é progressiva e acumulativa, existindo as contribuições dos grandes compositores.

Infelizmente, não existem ainda teorias bem desenvolvidas para a psicogênese da música e, assim, as escolas trabalham quase que apenas letras cantadas (e batidas rítmicas). As escolas não trabalham verdadeiramente a música. Sobre a psicogênese da música, penso em três etapas: primeiro, a construção das entonações como parte da fala, que ocorre no cotidiano; depois a etapa, digamos, operatório-concreta das entonações, com existências próprias e até com nomes (interrogação, exclamação, ironia etc.), mas usadas na fala e possibilitando a palavra declamada, cantada, discursada, rezada; por fim, a etapa do espaço sonoro abstrato. Temos, assim, dois níveis de abstração reflexiva: o nível das entonações convencionais e o nível da música. Fica aqui uma sugestão de seqüência de construção do espaço sonoro (bem como de teatro e dança) e a recomendação de não se subestimar a criança que, bem cedo, constrói muitas entonações necessárias à fala. Devemos partir desse conhecimento já construído em direção ao espaço sonoro abstrato.

Mais textos curtos e polêmicos no blog:  
[www.internestorosa.blogspot.com](http://www.internestorosa.blogspot.com)